

Proposta brasileira não será aceita pelos credores

Uma proposta para não negociar. Esta é a avaliação da proposta apresentada esta semana pelo governo de renegociação da dívida externa com a inclusão de um abatimento de 30% em metade dos créditos dos bancos privados, feita por sete economistas de diversas tendências reunidos no Balanço Mensal promovido pelo JORNAL DO BRASIL.

A conclusão dos economistas é que ao apresentar uma proposta que claramente será rejeitada pelos bancos, o governo está querendo apenas ganhar tempo. "O credor vende a dívida, com deságio, para não ser mais credor do Brasil, mas nunca aceitará o deságio, para continuar credor do mesmo país" afirmou Mário Henrique Simonsen, ex-ministro da Fazenda, um dos participantes do debate.

Além de Simonsen, participaram da mesa redonda os professores Edmar Bacha, Rogério Werneck e



Dionísio Dias Carneiro, da PUC do Rio, Paul Singer da USP, o deputado Cesar Maia e o inspirador do Plano Bresser Francisco Lopes. Otimista, Lopes defendeu a tese de que o governo está fazendo um esforço sério para cortar os gastos. Como pode ser sério, assusta-se Cesar Maia, se o Rio conseguiu permissão para emitir 45 milhões de títulos, quando nos últimos anos o máximo

permitido era 15 milhões. "O governo tinha uma imagem de péssimo gastador ao fim do ciclo militar e essa imagem não mudou em nada" retruca Dionísio Carneiro. Werneck apresenta um dado impressionante: "a dívida líquida do setor público, incluindo as estatais, é de 50% do PIB. E Bacha citou outro exemplo do descontrole das despesas públicas: O IBGE aumentou em quatro mil o número de funcionários nos últimos anos sem que tenha aumentado a oferta de serviços à população.

Dois outros perigos rondam a economia: a ameaça da volta à inflação de dois dígitos a curto prazo e a estagnação econômica. Bacha defende a tese de que com a inflação conseguia-se financiar o déficit do governo e reduzir o salário real, mas agora "este ciclo está esgotado" criando um impasse para a economia brasileira.